

JUAN VILORO

*O livro selvagem*

Tradução:  
ANTÔNIO XERXENESKY

**SÉQUINTE**

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2008 by Juan Villoro

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico  
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
El libro salvaje

*Capa*  
Sabine Dowek

*Preparação*  
Mell Brites

*Revisão*  
Mariana Zanini  
Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

---

Villoro, Juan

O livro selvagem / Juan Villoro ; tradução Antônio Xerxenesky. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: El libro salvaje  
ISBN 978-85-359-1986-8

1. Literatura juvenil I. Título.

---

11-11720

CDD-028.5

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura juvenil

028.5

2011

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

## SUMÁRIO

- A separação, 9
- O frasco de ferro, 15
- O tio Tito, 23
- Livros que mudam de lugar, 30
- Os remédios da farmácia, 42
- Controle seu poder, 49
- A história que um livro conta nem sempre é a mesma, 57
- Os livros de sombra, 62
- O livro selvagem*, 71
- A história se apaga, 81
- Um inimigo, 91
- O livro pirata, 99
- O príncipe é quem manda, 107
- Tito cozinha romances, 115
- Catalina na biblioteca, 123
- O tempo e os biscoitos, 131
- Motores que não fazem barulho, 143
- Uma radiação em zigue-zague, 152
- O Clube da Sombra, 160
- Uma isca mais suculenta, 170
- O que começa quando algo termina, 175

## A SEPARAÇÃO

Vou contar o que aconteceu quando eu tinha treze anos. Foi algo que nunca mais esqueci, como se a história tivesse me agarrado pelo pescoço. Pode soar estranho, mas consigo inclusive sentir as “mãos” da história em mim, uma sensação tão nítida que sei até que as mãos usavam luvas.

Enquanto a história continuar em segredo, permanecerei sendo prisioneiro dela. Agora que começo a escrever, sinto um pequeno alívio. As “mãos” da história continuam em mim, mas um dedo já se soltou, como uma promessa de que estarei livre quando terminar.

Tudo começou com um cheiro de purê de batata. Minha mãe fazia purê quando tinha algo do que reclamar ou estava de mau humor. Esmagava as batatas com mais força do que o necessário, com uma verdadeira fúria. Isso a ajudava a relaxar. Sempre gostei de purê de batata, ainda que na minha casa tivesse gosto de problema.

Naquela tarde, quando senti o cheiro do vapor que saía da cozinha, fui ver como estavam as coisas. Minha mãe não percebeu minha presença. Chorava em silêncio. Teria feito qualquer coisa para que ela voltasse a ser a mulher sorridente que eu tanto adorava, mas não sabia como alegrá-la.

A partir daquele momento, a ouvi soluçar todas as noites. Eu costumava acordar em horários esquisitos. Quando criança, adormecia e só despertava de manhã. Porém, aos treze anos, comecei a ter o “sonho escarlate”, um pesadelo recorrente. Nele, eu aparecia em um corredor comprido, úmido e escuro. Ao fundo, a luz de uma chama se agitava. Eu cami-

nhava até ela. Então me dava conta de que me encontrava em um castelo. Meus passos ressoavam no escuro, e aí eu percebia que estava usando botas de ferro. Era um soldado de armadura. Deveria resgatar alguém no final do corredor, alguém que chorava e tinha voz de mulher, uma voz agradável e muito triste. Eu caminhava na direção do som durante um longo tempo, pois o corredor parecia ficar mais comprido a cada passo. Por fim, entrava em um quarto de paredes vermelhas. Nessa época, minha cor favorita era o escarlate. Como eu adorava o som da palavra “escarlate”! No sonho, não conseguia enxergar a mulher que chorava, mas sabia que ela estava lá. Antes de ir em sua direção, me aproximava de uma parede, hipnotizado pela cor escarlate. Só então me dava conta de que a superfície era líquida. Ninguém tinha pintado aquelas paredes. Colocava minhas mãos nelas, e o sangue escorria entre meus dedos. Então eu acordava, morto de medo.

Depois de acender a luz, olhava para o mapa-múndi pendurado sobre a escrivaninha e para o meu último bicho de pelúcia, com o qual eu às vezes dormia. Se aos treze anos alguém tivesse me dito que eu era uma criança, teria ficado furioso. Sentia-me como um jovem rapaz. Meu coelho de pelúcia estava ali porque eu gostava dele. Mas podia dormir sem o bicho e era capaz de me defender sozinho. Nem mesmo quando tinha o “sonho escarlate” eu o levava para a cama. O coelho me observava do seu canto, com um olho mais baixo que o outro. Eu não pedia ajuda a ele, mas demorava um bom tempo para conseguir dormir de novo.

Nas noites de pesadelo, acordava com muita sede. Se a água que minha mãe deixava ao lado da cama já tivesse acabado, não me atrevia a ir até a cozinha, como se o “sonho escarlate” se passasse lá.

Então, tentava me distrair com os países do mapa-múndi. Meu favorito era a Austrália, que era pintado com um rosa cor de chiclete. Meus três animais preferidos eram australianos: o coala, o canguru e o ornitorrinco.

O que eu mais adorava nos coalas era o jeito como eles se dependuravam nas árvores. Eu abraçava o travesseiro como se fosse um coala, até adormecer com a luz acesa.

Talvez por estar crescendo, cenas de terror costumavam surgir em minha mente. Meus amigos do colégio gostavam de histórias de fantasmas e vampiros. Eu não, mas em compensação tinha aquele sonho terrível.

Certa noite, acordei ainda mais assustado. Acendi a luz e olhei minhas mãos, com medo de que elas estivessem manchadas de sangue. Só havia as marcas de tinta com as quais tinha voltado do colégio. Olhei para o mapa-múndi e, antes de conseguir pensar em países distantes, ouvi alguém soluçando. O ruído vinha do corredor e tinha o tom inconfundível da voz da minha mãe.

Desta vez, criei coragem de sair. O pranto dela era mais importante que meu pesadelo, então fui, descalço, até o quarto de meus pais.

Eles dormiam em camas separadas. As cortinas estavam abertas, e a luz da lua entrava no quarto e se espalhava sobre a cama do meu pai, que era a mais próxima da janela. Vi muitas outras camas desde então, mas nenhuma me impressionou tanto como aquela: meu pai não estava lá.

Mamãe chorava, de olhos fechados. Não se deu conta de que eu estava lá. Fui até a cama do meu pai, levantei as cobertas e me enfiei ali debaixo. Senti aquele cheiro delicioso de couro e loção pós-barba, e peguei no sono no mesmo instante. Nunca dormi melhor do que naquela noite.

No dia seguinte, ela não gostou de me encontrar dormindo na cama do meu pai. Respondi que era sonâmbulo e tinha chegado ali sem querer.

— Era só o que me faltava! — exclamou minha mãe. — Um filho sonâmbulo!

A caminho da escola, minha irmã Carmen riu de mim porque eu andava e dormia ao mesmo tempo. E então me perguntou se eu podia ensiná-la a ser sonâmbula. Carmen tinha dez anos e acreditava em tudo que eu dizia. Expliquei

que pertencia a um clube cujos membros se reuniam à noite: percorríamos as ruas dormindo.

— Como se chama o clube? — perguntou Carmen.

— O Clube da Sombra — me veio o nome de repente.

— Posso fazer parte dele?

— Antes você precisa passar por várias provas. Não é tão fácil — respondi.

Carmen pediu que eu a acordasse alguma noite para levá-la até o clube. Prometi que sim, mas claro que não cumpri.

Preocupada com o meu sonambulismo, mamãe falou com sua amiga Ruth, que tinha vivido na Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial e visto coisas mais espantosas do que uma criança sonâmbula. Quando minha mãe conversava com Ruth, se tranquilizava ouvindo histórias piores que a dela. Nossa vida não era perfeita, mas pelo menos não estávamos sendo bombardeados.

Quando voltei do colégio, minha mãe falava por telefone com Ruth. Apesar disso, o ar cheirava a purê de batata. As terríveis histórias da amiga não tinham conseguido tranquilizá-la.

Parei diante da porta e observei minha mãe chorar em silêncio. Logo fiz a pergunta que tinha ensaiado mil vezes na escola:

— Onde está o papai?

Ela me olhou através das lágrimas. Sorriu como se eu fosse uma paisagem bonita e maltratada.

— Precisamos conversar — foi sua resposta, mas não disse mais nada. Continuou esmagando as batatas, acendeu um cigarro, fumou de maneira desajeitada, e a cinza caiu sobre o purê.

Fiquei parado como uma estátua até ela dizer:

— Seu pai vai morar um tempo fora de casa. Alugou um estúdio. Está cheio de trabalho, e nós fazemos muito barulho. Quando terminar esse trabalho, vai a Paris construir uma ponte.

Algo me fez pensar que meu pai nunca voltaria àquela cama que vi sob a luz da lua.

Minha mãe se ajoelhou e me abraçou. Nunca tinha me abraçado daquele jeito, ajoelhada no chão.

— Não vai acontecer nada com você, Juanito — me disse.

Sempre que me chamava de Juanito, algo terrível acontecia depois. Não era um apelido carinhoso, e sim um apelido de crise, o purê de batata dos apelidos.

Não estava preocupado com o que poderia acontecer comigo, mas com ela. Queria que ela sorrisse como quando ia me buscar na escola, e eu sabia que ela era a mais bonita de todas as mães.

— Não se preocupe — respondi —, estou do seu lado.

Foi a pior coisa que eu poderia ter dito. Ela chorou mais do que nunca e me abraçou com muita força, até que o purê de batata com cinza queimou no fogão.

Minha irmã chegou mais tarde porque tinha aula de piano e nos encontrou comendo pizza. Para ela, a tarde tinha sido muito divertida. Mamãe estava sem apetite e deixou que Carmen comesse tudo que quisesse.

— Tenho uma coisa para contar — mamãe falou, como se mastigasse cada palavra —, papai foi viajar.

Carmen achou aquilo o máximo, porque pensou que papai lhe traria um bicho de pelúcia na volta.

Fiquei triste de ver minha irmã feliz por não saber a verdade, mas eu seria capaz de fazer qualquer coisa para que ela nunca a soubesse.

Naquela época, o divórcio ainda não estava na moda. Nenhum dos meus amigos tinha pais separados. Ainda assim, eu sabia que isso podia acontecer. Tinha visto um filme bem engraçado sobre uma criança que se diverte muito porque tem duas casas e convence os pais a deixarem-na fazer tudo que tem vontade nas duas.

Meus pais não brigavam, mas também não conversavam como um casal que se ama. Nunca se beijavam ou davam as mãos.



Uma tarde, mexendo nos papéis do escritório do meu pai, encontrei uma carta dentro de um livro. O envelope tinha desenhos incríveis: espirais rosa, asteriscos azuis, relâmpagos em zigue-zagues verdes. Parecia a capa de um disco de rock.

O envelope continha uma carta. Era de uma amiga que amava muito meu pai e sonhava em viajar para Paris com ele. Senti um embrulho no estômago e entreguei a carta à minha mãe.

Isso foi dois meses antes de o purê de batata queimar. Às vezes, achava que ela tinha ficado triste por minha culpa. Tudo porque entreguei a maldita carta.

— Você vai se divorciar? — perguntei à minha mãe, quando Carmen não estava mais nos ouvindo.

Eu não queria me divertir em duas casas diferentes, como a criança do filme. Na verdade, também não queria ver meu pai. Gostaria que ele voltasse para que minha mãe ficasse contente. Só isso.

— Não sei o que vai acontecer. Papai ama muito vocês, é o que importa.

Mas isso não importava para mim. Queria que ele a amasse. Fui até meu quarto fazer um juramento solene. Peguei o mapa-múndi e, diante do desenho da Austrália, jurei que naquela casa seríamos felizes, ainda que eu tivesse que lutar muito por isso.

Nessa noite não tive pesadelos, mas também não consegui dormir.

Fui até o quarto que era dos meus pais e onde agora sobrava uma cama. Pelo menos eu achava que sobrava. Estava prestes a me deitar lá, quando vi que Carmen tinha chegado antes. Como sempre, parecia muito alegre. Talvez sonhasse que tinha sido aceita no Clube da Sombra.

## O FRASCO DE FERRO

Minha mãe começou a deixar cigarros por todo lado. Nem sequer os fumava até o fim. Estava tão nervosa e fazia tantas ligações, que os cigarros se acumulavam em montinhos no cinzeiro sem que ela terminasse de fumar um só deles. Havia sinais de fumaça em todos os cômodos, como se morássemos em um acampamento indígena.

Tudo cheirava a cinzas e a purê de batatas. Na semana da separação, comemos almôndegas com purê de segunda a sábado. No domingo, minha mãe nos deixou com sua amiga Ruth, que nos deu umas salsichas alemãs deliciosas, polvilhadas com um ingrediente que eu não conhecia: noz-moscada.

Minha mãe nos buscou bem tarde. Carmen já tinha adormecido abraçada ao seu castor de pelúcia. Eu estava caindo de sono, mas consegui escutar a conversa entre minha mãe e a amiga:

— O pior vão ser as férias — comentou minha mãe —, não sei o que fazer com eles.

Por “eles”, ela queria dizer “Carmen e eu”.

— Você vai dar um jeito — disse Ruth. — Posso ficar com a Pinta.

Pinta era a nossa cadelinha maltês, de pelo preto e branco. Fiquei surpreso (e, em parte, aliviado) que Ruth tivesse se oferecido para ficar com a cadela, mas não conosco.

Por que não podíamos passar as férias em casa? Faltavam duas semanas para o fim das aulas. No colégio, havia poucas tarefas para fazer. O professor não tinha mais pressa de nos ensinar: dava-nos um papel para que desenhássemos qual-

quer coisa por horas e horas. Depois, cantávamos músicas compridas, e ele não se incomodava se errássemos. Era como se as aulas de verdade tivessem acabado e só estivéssemos ali por obrigação, preenchendo os dias que faltavam até o verão, até as “férias longas”, como a gente chamava.

O melhor momento da vida era o primeiro dia de férias. O sol entrava de outro jeito no quarto: um sol animado, cor de mel, que aquecia as cortinas e sinalizava que passaríamos dois meses sem ter de ir para a escola. Nesse primeiro dia, tudo podia acontecer, como se a luz viesse da Austrália e de seus desertos de areia avermelhada.

Se você fica um ano sem comer algo que adora (como chocolate, espaguete ou frango assado) e então o experimenta de novo, acha aquilo ainda mais saboroso. Isso também acontecia com o primeiro dia de férias.

Pablo, meu melhor amigo, morava a duas quadras de distância. Planejamos muitas brincadeiras para o verão, entre elas entrar em uma casa abandonada com janelas quebradas e gatos selvagens. Seria o melhor verão da minha vida. No entanto, minha mãe tinha outros planos para mim.

Certa tarde, voltei para casa depois de brincar com Pablo e encontrei o corredor cheio de caixas.

— São as coisas do seu pai — explicou minha mãe.

Aproximei-me de uma caixa e vi muitos livros. Meu pai estudou engenharia e escreveu um livro com um título muito esquisito: *Pontes levadiças*. Ele me explicou que esse era o nome das pontes que se dividem em duas partes, que se erguem para que os barcos possam passar.

Pensei que ele mesmo buscaria suas coisas, mas logo chegaram dois carregadores e, num instante, levaram todas as caixas.

— As caixas vão para um depósito, até seu pai voltar de Paris.

— Ele não ia alugar um estúdio?

— Vai construir uma ponte em Paris.

Talvez ele fosse mesmo construir uma ponte em Paris, mas também visitaria aquela amiga que tinha enviado a carta. Achei os desenhos que ela fez no envelope muito bonitos, mas detestava a ideia de meu pai fugindo com ela.

Também odiei saber que meu pai ia construir uma ponte lá. Seria uma ponte que se levantava para os barcos passarem, com certeza. Essa era sua especialidade. Eu preferia as pontes que não se separavam e que continuavam firmes e fixas, ligando as duas margens.

Não me importava que os livros chatos dele fossem embora de casa.

Minha mãe tomava comprimidos de cor azul-celeste para dor de cabeça. Logo ficamos sabendo que não se tratava de uma simples dor, mas de uma doença mais forte chamada enxaqueca.

Também sofria de gastrite. Suco de laranja era muito pesado para seu estômago, e ela sempre o tomava com um canudinho de vidro para não engolir ar (que, pelo visto, era ainda mais pesado). Dava para perceber o quanto ela era bonita até mesmo quando tomava suco, apesar de fazer uma cara horrível de quem está bebendo vidro, vidro estilhaçado que a destroçava por dentro.

A cada três dias me mandava ir até a farmácia comprar remédio para enxaqueca ou para gastrite. Quando íamos à casa da nossa avó, dizia:

— É o cigarro. A culpa toda é do cigarro.

Mas minha mãe não conseguia parar de fumar, ainda mais tão cheia de problemas. Quando a minha avó falava mal do cigarro, minha mãe fechava um olho como se fosse uma pistoleira prestes a disparar, acendia um fósforo com um movimento rápido digno de um especialista em explosivos e fumava com uma intensidade toda especial. E, então, se comunicava conosco como uma índia. De sua boca saíam sinais de fumaça que queriam dizer: “Faço o que bem entender”.

Certa noite, sonhei que seguia um gato branco e entrava na casa abandonada. Em todas as partes, havia fogueiras feitas com móveis. No salão principal, uma mesa enorme queimava. Meu pai estava sentado em um sofá lendo jornal. De repente, o jornal começava a pegar fogo, mas ele não fazia nada: observava as chamas como se fossem uma notícia. Acordei antes que o fogo alcançasse as mãos dele.

Concluí que meu pai preferia viver em uma casa abandonada, com os móveis e o jornal pegando fogo, a viver conosco. Senti muita raiva dele e bati no meu travesseiro até não poder mais. Então imaginei que era um coala, e abracei o travesseiro como se ele fosse uma árvore. Tinha chorado, e a franha estava úmida. Talvez por isso eu tenha sonhado que chovia muito no bosque australiano onde eu levava uma vida de coala feliz.

Adorava a sensação maravilhosa de frescor quando me deitava na cama e os lençóis tinham acabado de ser trocados.

Por causa dos problemas que estávamos tendo desde que meu pai fora embora, passaram-se dias e dias sem que trocassem meus lençóis. No início, não me dei conta, mas uma noite me perguntei se algum dia eles voltariam a ter cheiro de amaciante.

Carmen também percebeu isso e pingou umas gotas de xampu nos dela para que tivessem cheiro de novos.

Para disfarçar que tinha chorado, minha mãe usava óculos escuros. Parecia uma mafiosa, ainda mais quando estava com um cigarro na boca e um lenço na cabeça. Mas ficava legal. As mulheres mafiosas podem ser lindas.

Faltavam só dois dias para as férias quando ela nos chamou:

— Precisamos conversar.

Fomos até a sala de jantar, onde ela fatiava um melão. Nos últimos dias, andava tão nervosa que se cortava ao preparar qualquer refeição. Sempre que ia cozinhar, já deixava à mão uma caixa de curativos, certa de que ia se machucar. Depois colocava álcool na ferida, e o jantar sempre ficava com cheiro de farmácia.

Fiquei com medo de que ela arrancasse um dedo fora enquanto falava conosco. Por sorte, largou a faca e disse:

— A Pinta vai passar as férias na casa da Ruth.

Falou como se fosse normal que cachorros tirassem férias.

— E nós? — perguntou Carmen.

Essa parte foi mais difícil. As palavras saíram da boca de minha mãe como se fossem feitas de algodão.

— Os Bermúdez gostam muito de vocês — disse.

Leila Bermúdez era a melhor amiga de minha irmã. Como sempre, Carmen ficou feliz com a solução. Se estivesse num barco prestes a naufragar, ficaria muito alegre por ter de subir num bote inflável. Mesmo nos piores momentos, ela sempre encontra algo fantástico.

Como ela tinha sido intimada a ficar com a melhor amiga, pensei que me deixariam na casa de Pablo. No entanto, minha mãe disse:

— Você vai ficar com o tio Tito.

— Por quê?

— Ele pediu.

— Prefiro ficar no Pablo. Ou com a vovó.

— Pablo tem quatro irmãos. Não tem espaço para você.

E a sua avó está velha demais para cuidar dos outros.

— Prefiro ficar com outra pessoa.

— Por quê?

— O tio Tito tem pelos brancos saindo do nariz — foi a única coisa que me ocorreu.

Era verdade. O tio Tito tinha pelos até na orelha, que ele aparava, mas não fazia nada com os que saíam do nariz.

— Ele gosta muito de você — minha mãe comentou.

Isso também era verdade. Sempre que eu o via, ele lia para mim alguma história de um dos milhares de livros que tinha em casa. Era muito legal quando falava da vida dos dragões, das espadas da Idade Média e dos foguetes do futuro. Porém, eu não queria morar com ele. O que eu faria em uma casa tão escura quanto a dele, com tantos livros empoeirados?

Tio Tito não tinha filhos. Era primo de minha mãe e sempre morou sozinho, junto com sua imensa biblioteca. Por que tinha pedido que eu ficasse com ele? Eu o achava simpático, mas preferia vê-lo só de vez em quando.

— Ele tem livros magníficos — acrescentou minha mãe.

— Mas não tem televisão.

Eu gostava de tv tanto quanto de frango assado. Já os livros me interessavam muito pouco, especialmente se fossem sobre engenharia.

Não continuamos discutindo porque ela ficou nervosa, resolveu cortar outra fatia de melão, e um fio de sangue escorreu pela mesa.

— Não consigo nem cortar um melão — ela falou, desesperada.

Carmen e eu dissemos que não era bem assim: em todo o prédio, ninguém cortava melões melhor do que ela. Não voltamos a falar sobre a casa onde eu passaria as férias.

No dia seguinte, pensei que minha mãe me amava demais para me mandar para a casa do tio Tito. Aquilo não podia ser verdade.

Tudo bem que Pinta fosse para a casa de Ruth e aprendesse a latir em alemão, e que Carmen ficasse na casa de Leila Bermúdez. Eu ficaria com minha mãe. Ela precisava de mim, eu tinha certeza disso.

No último dia de aula, ela se esqueceu de nos buscar. Várias vezes ela chegava atrasada, e nós éramos os últimos alunos no pátio do colégio, mas, naquele dia, tinha se esque-

cido completamente. O porteiro queria fechar a escola, pois também estava entrando em férias.

Peguei a mochila de Carmen e falei para irmos caminhando. Conhecia o percurso, embora nunca o tivesse feito a pé. Demoramos duas horas para chegar em casa.

O que poderia ter acontecido de tão grave com minha mãe que a tinha impedido de ir nos buscar? Teria morrido? Desmaiado? Uma dor que nenhum comprimido resolvesse?

Tocamos a campainha de casa e pensei comigo mesmo: "Se ela não abrir em quinze segundos, é porque está morta".

A porta abriu treze segundos depois. Minha mãe nos olhou, surpresa, como se tivéssemos saído de um sonho. Só então se deu conta de que tinha se esquecido de ir nos buscar.

— Meu Deus! Que horas são?! — exclamou. — Como estou esquecida!

Pedi mil desculpas.

— Eu estava fazendo a mala de vocês e perdi a noção do tempo — explicou.

A mala de Carmen já estava pronta, assim como um cestinho com seus bichos de pelúcia favoritos.

— Falta o Juanito — falou minha irmã, e foi pegar o boneco que tinha o meu nome (deu esse nome ao boneco para que eu aceitasse levá-la ao Clube da Sombra).

Até aquele momento, ainda acreditava que Carmen iria para outra casa mas que eu ficaria. Minha mãe não podia se separar de mim.

— Vou terminar a sua mala — ela disse, e se dirigiu ao meu quarto.

Segui-a lentamente.

Vi minha mãe ajoelhada em frente à cama, dobrando camisetas e colocando-as com muito cuidado dentro da mala. "Está fazendo isso para que eu ache que vou ter que ir à casa de meu tio, mas não vou cair nessa", pensei.

Continuou colocando coisas na mala até pegar um objeto pequeno e escuro. Um frasco. O médico tinha me receitado ferro. Todas as manhãs, eu tomava uma colherada de um xa-



rope preto. O gosto era horrível, mas o pediatra tinha dito: “O ferro é bom para o crescimento”, como se eu fosse uma ponte em construção. Detestava esse remédio que os outros diziam ser tão importante para mim.

Apenas naquele instante, ao ver que o frasco de ferro também estava sendo guardado na mala, eu entendi que era tudo verdade, que eu iria mesmo passar dois longos meses na casa do tio Tito. Se minha mãe tinha se dado ao trabalho de separar o frasco, é porque o negócio era sério.

Foi quando aprendi, pela primeira vez e para sempre, que certos detalhes são o que tornam uma história verdadeira. Quando o frasco foi parar na mala, tudo pareceu real. Tinha chegado a hora de aceitar: eu iria para uma casa que mal conhecia.

O que eu não sabia é que isso me levaria à maior aventura de minha vida.